



DOI: <https://doi.org/10.58871/consames.v2.07>

**IDADISMO: REFLEXÕES SOBRE A DISCRIMINAÇÃO ETÁRIA NA SOCIEDADE
BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

**AGEISM: REFLECTIONS ON AGE DISCRIMINATION IN CONTEMPORARY
BRAZILIAN SOCIETY**

MARIA IZABEL DOS SANTOS NOGUEIRA

Doutoranda pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF)

Email: izabelsnogueira@hotmail.com

ADRIANA SILVA DA CRUZ

Especializanda em Saúde Mental e Dependências (INSA/CESAC)

LARA THUANNY MELO MONTENEGRO

Especializanda em Saúde Mental e Dependências (INSA/CESAC)

MARIA DO CÉU BEZERRA PEREIRA

Especializanda em Saúde Mental e Dependências (INSA/CESAC)

ROBERTA MACHADO ALVES

Doutoranda em Saúde Coletiva/UFRN

ANA KARINA DA CRUZ MACHADO

Mestre pela Universidade Potiguar/RN (UNP)

RESUMO

Objetivo: Este estudo tem como objetivo analisar criticamente as origens, manifestações e impactos do idadismo no Brasil, identificando seus efeitos sobre a vida social, econômica e cultural, bem como apontar estratégias para sua superação. **Metodologia:** A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Foi realizada revisão bibliográfica sistemática de artigos científicos publicados em periódicos nacionais, além da análise de documentos institucionais e relatórios de organizações governamentais e não governamentais. Os materiais foram selecionados segundo critérios de relevância, atualidade e representatividade do contexto brasileiro, permitindo articular dados empíricos e discussões teóricas. **Resultados e discussão:** Os resultados evidenciam que o idadismo no Brasil manifesta-se de forma persistente e multifacetada. No mercado de trabalho, a discriminação ocorre tanto pela exclusão de idosos em processos seletivos quanto pela desvalorização de jovens por inexperiência. Na mídia, prevalece a idealização da juventude e a representação de idosos como frágeis ou dependentes, reforçando estereótipos negativos. No campo da saúde, observa-se a negligência às necessidades de pessoas idosas, com diagnósticos tardios ou tratamentos inadequados. Nas relações sociais, atitudes cotidianas de exclusão e desvalorização de opiniões intensificam o isolamento e a marginalização. Esses fatores afetam diretamente a autoestima, a saúde mental e a qualidade de vida, contribuindo para a



reprodução de desigualdades estruturais e o enfraquecimento de vínculos intergeracionais.

Considerações finais: Conclui-se que o idadismo constitui não apenas uma questão ética, mas um desafio social e político que compromete a equidade e a inclusão. Para seu enfrentamento, faz-se necessário investir em políticas públicas de valorização da diversidade etária, educação intergeracional, campanhas midiáticas positivas e capacitação de profissionais de saúde. Somente por meio de esforços integrados será possível construir sociedades mais justas, inclusivas e intergeracionais.

Palavras-chave: Etarismo; Discriminação etária; Relação entre gerações; Inclusão social; Saúde.

ABSTRACT

Objective: This study aims to critically analyze the origins, manifestations, and impacts of ageism in Brazil, identifying its effects on social, economic, and cultural life, as well as suggesting strategies for overcoming it. **Methodology:** The research used a qualitative approach, with an exploratory and descriptive character. A systematic bibliographic review of scientific articles published in national journals was conducted, in addition to the analysis of institutional documents and reports from governmental and non-governmental organizations. The materials were selected based on criteria of relevance, timeliness, and representativeness of the Brazilian context, allowing for the articulation of empirical data and theoretical discussions. **Results and discussion:** The results show that ageism in Brazil manifests itself persistently and multifacetedly. In the labor market, discrimination occurs both through the exclusion of older adults in selection processes and the devaluation of young people due to inexperience. In the media, the idealization of youth and the representation of older adults as fragile or dependent prevail, reinforcing negative stereotypes. In the healthcare field, neglect of the needs of older adults is observed, with late diagnoses or inadequate treatments. In social relationships, everyday attitudes of exclusion and devaluation of opinions intensify isolation and marginalization. These factors directly affect self-esteem, mental health, and quality of life, contributing to the reproduction of structural inequalities and the weakening of intergenerational bonds. **Final considerations:** We conclude that ageism constitutes not only an ethical issue, but also a social and political challenge that compromises equity and inclusion. To address this, it is necessary to invest in public policies that value age diversity, intergenerational education, positive media campaigns, and training for healthcare professionals. Only through integrated efforts will it be possible to build more just, inclusive, and intergenerational societies.

Keywords: Ageism; Age discrimination; Relationship between generations; Social inclusion; Health.

1. INTRODUÇÃO

O idadismo ou etarismo, também conhecido como ageísmo, é uma forma de discriminação que se manifesta com base na idade, afetando tanto pessoas jovens quanto idosas. Trata-se de um fenômeno muitas vezes invisível, mas com impactos profundos na vida social, profissional e pessoal dos indivíduos. Em sociedades modernas, marcadas pelo culto à



juventude, à produtividade e à estética, o idadismo se infiltra em múltiplos contextos, do mercado de trabalho à saúde, da mídia à vida familiar, impondo limites e reforçando estereótipos prejudiciais.

O termo “idadismo” foi introduzido pelo gerontólogo Robert N. Butler na década de 1960, que o definiu como “uma forma de preconceito contra indivíduos mais velhos, baseada em estereótipos sociais e preconceitos negativos” (Butler, 1969). Estudos mais recentes ampliaram a compreensão do conceito, considerando que atitudes discriminatórias podem afetar pessoas em diferentes faixas etárias, não se restringindo apenas à população idosa (Levy, 2009; Palmore, 2015).

O idadismo manifesta-se em diversos âmbitos. No mercado de trabalho, trabalhadores mais velhos podem ser vistos como menos adaptáveis ou menos produtivos, enquanto jovens frequentemente são desvalorizados por falta de experiência. Na área da saúde, profissionais podem subestimar sintomas ou tratamentos devido à idade do paciente, comprometendo a qualidade do cuidado. Na mídia e na cultura, a representação da juventude como ideal estético e produtivo reforça estereótipos e invisibiliza as contribuições de diferentes faixas etárias. Já nos espaços sociais, situações cotidianas, como o acesso a transportes públicos ou serviços, podem refletir preconceitos implícitos que limitam a participação de determinados grupos etários.

Refletir sobre o idadismo evidencia que ele não é apenas uma questão ética, mas também um desafio social que compromete a inclusão, a equidade e o bem-estar coletivo. Este estudo busca analisar criticamente o idadismo, discutindo suas origens, manifestações e implicações, além de apontar caminhos para sua superação e para a construção de sociedades mais inclusivas e intergeracionais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, buscando compreender de forma aprofundada as manifestações e implicações do idadismo no contexto brasileiro. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica sistemática de estudos e artigos científicos publicados em periódicos nacionais, selecionados com base em critérios de relevância para o tema, atualidade e representatividade do contexto brasileiro.

A análise do material seguiu procedimentos de interpretação crítica, buscando identificar padrões, convergências e divergências nas abordagens sobre idadismo, bem como



compreender suas implicações sociais, culturais e institucionais. Essa metodologia possibilitou construir uma compreensão ampla e fundamentada do fenômeno, articulando teoria e contexto nacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além da literatura acadêmica, foram analisados documentos institucionais e relatórios de organizações governamentais e não governamentais, a fim de integrar diferentes perspectivas sobre políticas públicas, práticas sociais e iniciativas voltadas ao enfrentamento do preconceito etário. Destacaram-se, entre os autores nacionais, trabalhos como os de Goldani (2010), que discutem o preconceito etário no Brasil, bem como documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS) que abordam o idadismo nas Américas, permitindo a articulação entre evidências científicas e dados institucionais.

No contexto brasileiro, o idadismo tem se mostrado persistente, apresentando-se de maneiras sutis e explícitas em diferentes esferas sociais. Estudos e relatórios de organizações nacionais e internacionais indicam que a discriminação etária compromete a inclusão social, a equidade e a qualidade de vida, influenciando desde oportunidades de trabalho até o acesso a serviços essenciais, a representação na mídia e as relações interpessoais. A compreensão dessas manifestações é fundamental para a formulação de políticas públicas e estratégias que promovam sociedades mais inclusivas e intergeracionais.

No mercado de trabalho, o idadismo se manifesta de forma evidente, afetando especialmente trabalhadores mais velhos. A crença de que pessoas com idade avançada são menos produtivas, menos adaptáveis a mudanças tecnológicas ou incapazes de inovar leva muitas empresas a priorizar a contratação de profissionais jovens. Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), trabalhadores com mais de 50 anos enfrentam maiores dificuldades para conseguir emprego formal, e aqueles que permanecem no mercado sofrem restrições quanto a promoções ou treinamento (Pazos, et al, 2024). Essa discriminação não apenas limita a autonomia econômica dos indivíduos, mas também contribui para a desvalorização de sua experiência e conhecimento acumulado ao longo da carreira. Por outro lado, jovens trabalhadores também podem ser subestimados, sendo vistos como inexperientes e, portanto, menos capazes de ocupar posições de destaque. Assim, o idadismo no trabalho revela uma dimensão complexa, afetando diferentes faixas etárias de maneiras distintas, mas igualmente prejudiciais.

Na mídia, as representações estereotipadas reforçam concepções prejudiciais sobre o



envelhecimento. A juventude é frequentemente idealizada como sinônimo de beleza, saúde e dinamismo, enquanto os idosos são retratados como frágeis, dependentes e desatualizados. De acordo com a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG, 2019), tais representações contribuem para a internalização de estereótipos e para a perpetuação de preconceitos, afetando tanto a percepção social quanto a autoestima dos idosos. Filmes, propagandas e programas de televisão raramente apresentam personagens mais velhos em papéis ativos, independentes ou de liderança, o que reforça a invisibilidade social dessa faixa etária. Além disso, a mídia digital e as redes sociais reproduzem padrões estéticos que marginalizam o envelhecimento natural, estimulando comparações prejudiciais entre gerações e fortalecendo o culto à juventude.

No campo da saúde, o idadismo se manifesta por meio da negligência ou subestimação das necessidades de cuidado de pessoas mais velhas. Profissionais de saúde podem minimizar sintomas, atrasar diagnósticos ou oferecer tratamentos inadequados, baseados na ideia de que determinadas condições fazem parte do envelhecimento natural e, portanto, não exigem intervenção (Pazos et al, 2024). Essa forma de discriminação institucionalizada não apenas compromete a saúde física, mas também afeta o bem-estar psicológico, reforçando a sensação de invisibilidade e desvalorização social.

As relações sociais também são impactadas pelo idadismo. Interações cotidianas podem refletir preconceitos implícitos, como desvalorização de opiniões, exclusão de atividades comunitárias ou familiares e isolamento social. Estudos realizados pelo IMEI (2020) indicam que muitas pessoas idosas relatam sentir-se marginalizadas em espaços públicos e privados, enquanto jovens podem sofrer pressão para atender expectativas de produtividade e conformidade com padrões geracionais. Tais atitudes contribuem para o enfraquecimento dos vínculos sociais e para a diminuição da participação ativa em diferentes esferas da vida comunitária, exacerbando processos de exclusão e segregação etária.

O impacto do idadismo sobre saúde mental e qualidade de vida é significativo. A internalização de estereótipos negativos pode levar à diminuição da autoestima, à ansiedade e à depressão, aumentando a vulnerabilidade social e emocional de indivíduos afetados. Pesquisas demonstram que pessoas que percebem discriminação etária relatam maior isolamento social e menor engajamento em atividades de lazer e trabalho, o que compromete a manutenção de redes de apoio e a construção de uma vida plena e participativa (Moraes et al., 2018). Além disso, o idadismo contribui para a reprodução de desigualdades estruturais, dificultando o acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

O idadismo no Brasil está profundamente enraizado em normas sociais que valorizam



a juventude e associam a velhice à perda de valor e capacidade. Essas normas são reforçadas por representações midiáticas, políticas públicas e práticas institucionais que perpetuam estereótipos negativos sobre pessoas idosas. A falta de políticas eficazes de inclusão etária e a escassez de estudos acadêmicos sobre o tema contribuem para a invisibilidade do idadismo e dificultam seu enfrentamento (Goldani, 2010; Torres et al, 2016).

Além disso, o idadismo não afeta apenas os idosos, mas também os jovens, que podem ser estigmatizados por sua falta de experiência ou por serem considerados imaturos. Essa visão dicotômica entre juventude e velhice limita a compreensão da diversidade etária e impede a construção de uma sociedade intergeracional e inclusiva.

Para enfrentar o idadismo, é necessário implementar estratégias que promovam a educação intergeracional, políticas públicas inclusivas e representações midiáticas equilibradas. Iniciativas como campanhas de conscientização, treinamento de profissionais de saúde e programas que incentivem a participação social de diferentes faixas etárias podem reduzir preconceitos e valorizar a diversidade etária. A construção de sociedades intergeracionais não se limita a proteger indivíduos vulneráveis, mas também amplia a riqueza social e cultural, promovendo um ambiente no qual todas as idades tenham voz, reconhecimento e oportunidades.

Em síntese, o idadismo no Brasil é um fenômeno multifacetado que se manifesta no trabalho, na mídia, na saúde e nas relações sociais, afetando a autoestima, a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas. Reconhecer suas diversas formas e impactos é essencial para desenvolver políticas públicas e práticas sociais que promovam a inclusão e a equidade entre gerações. A superação do preconceito etário depende de esforços articulados, envolvendo governo, sociedade civil, instituições acadêmicas e a mídia, com o objetivo de construir um ambiente social mais justo e intergeracional (Goldani, 2010; SBGG, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, para enfrentar o idadismo, é necessário implementar estratégias que promovam a educação intergeracional, políticas públicas inclusivas e representações midiáticas equilibradas. Iniciativas como campanhas de conscientização, treinamento de profissionais de saúde e programas que incentivem a participação social de diferentes faixas etárias podem reduzir preconceitos e valorizar a diversidade etária. A construção de sociedades intergeracionais não se limita a proteger indivíduos vulneráveis, mas também amplia a riqueza social e cultural, promovendo um ambiente no qual todas as idades tenham voz,



reconhecimento e oportunidades (Miranda et al, 2016).

Em síntese, o idadismo no Brasil é um fenômeno multifacetado que se manifesta no trabalho, na mídia, na saúde e nas relações sociais, afetando a autoestima, a saúde mental e a qualidade de vida das pessoas. Reconhecer suas diversas formas e impactos é essencial para desenvolver políticas públicas e práticas sociais que promovam a inclusão e a equidade entre gerações. A superação do preconceito etário depende de esforços articulados, envolvendo governo, sociedade civil, instituições acadêmicas e a mídia, com o objetivo de construir um ambiente social mais justo e intergeracional.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Robert N. Age-ism: another form of bigotry. **The Gerontologist**, v. 9, n. 4, p. 243–246, 1969. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/9.4_part_1.243>. Acesso em: 21 set. 2025.

GOLDANI, A. M. “Ageismo” no Brasil: O que significa ? Quem pratica? O que fazer com isto?. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 385–405, 2010. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/107>. Acesso em: 21 set. 2025.

GOLDANI, A. M. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. Campinas: **Educ. Soc.**, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 21 set. 2025.

INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL BRASILEIRA VOLTADA AO PÚBLICO DA TERCEIRA IDADE. Relatório sobre envelhecimento e discriminação etária no Brasil. Brasília: **IMEI**, 2020. Disponível em:< <https://www.imei.edu.br>>. Acesso em: 21 set. 2025.

LEVY, Becca. Stereotype embodiment: A psychosocial approach to aging. **Current Directions in Psychological Science**, v. 18, n. 6, p. 332–336, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01662.x>>. Acesso em: 21 set. 2025.

MIRANDA, Gabriella Moraes Duarte; MENDES, Antônio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade da. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. Rio de Janeiro: **Rev. Bras. Geriat. Gerontol**, v. 19, n. 3, p:507-519, 2016.

MORAES, Flávia et al. Idadismo e saúde mental: impactos da discriminação etária na qualidade de vida. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, n. 6, p. 1-10, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/NhVnLk9vKJ?lang=pt>>. Acesso em: 21 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Ageism: Global report on age discrimination. Geneva: **WHO**, 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/combating-ageism/global-report-on-ageism>>. Acesso em: 21 set. 2025.



PALMORE, Erdman. Ageism comes of age. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 70, n. 6, p. 873–875, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geronb/gbv079>. Acesso em: 21 set. 2025.

PAZOS, P. de F. B.; FERREIRA, A. P. Pessoa idosa, mercado de trabalho, idadismo e a saúde do trabalhador: revisão de escopo. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** 2024. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/LPsJXHkz3ptn7vq6tmgXXJf/?lang=pt> > Acesso em: 21 set. 2025.

SOCIETY OF BRAZILIAN GERIATRICS AND GERONTOLOGY – SBGG.
Representações midiáticas de idosos e estereótipos de envelhecimento. São Paulo: **SBGG**, 2019. Disponível em: <https://www.sbgg.org.br>. Acesso em: 21 set. 2025.

TORRES, T. de L.; CAMARGO, B. V.; BOUSFIELD, A. B. S. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. Brasília: **Psic. Teor. e Pesq.** v. 32, n.1, p: 209-218, 2016. Disponível em < chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.scielo.br/j/ptp/a/S4t5hGpYDWCZ776W3jMLmmz/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 21 set. 2025.